



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Cênicas

Beatriz Nogueira Ferreira

## **CONTAÇÃO E CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO AFETIVO**

Brasília  
2023

Beatriz Nogueira Ferreira

## **CONTAÇÃO E CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO AFETIVO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Artes Cênicas, Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Orientador: Dr. André Ferraz Sitônio de Assis

Brasília  
2023

Beatriz Nogueira Ferreira

## **CONTAÇÃO E CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO AFETIVO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

---

Prof. Dr. André Ferraz Sitônio de Assis – UnB (Orientador)

---

Prof. Dr. Erico José Souza de Oliveira

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Hartmann – UnB

Brasília, 13 de julho de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu noivo Yago Lucas que me mostrou todos os dias que eu era capaz de alcançar qualquer objetivo. Por ser um bom amigo e companheiro nos momentos bons e ruins.

Agradeço aos meus avós que me incentivaram em todos os momentos da minha graduação, em especial a minha vó Norberta que me auxiliou e apoiou para seguir os meus sonhos. Sem ela não seria possível finalizar esse projeto de forma leve e bela.

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, brincando, aconselhando e me vendo como uma ótima artista. Agradeço por acreditarem em mim mesmo quando os dias eram difíceis. Pelas lágrimas, puxões de orelha e gargalhadas.

Agradeço aos meus irmãos, Pedro e Guilherme que me demonstraram em diversos momentos o quanto sou amada. Pelos momentos divertidos e descontraídos e leves que tivemos juntos.

Agradeço aos meus primos e primas que se orgulharam de mim em todas as etapas da minha graduação. Também minha prima Layane, *in memoriam*, espero que esteja feliz. Mesmo que não esteja aqui para ler esse trabalho, sempre segurou minha mão e me mostrou o quanto eu era amada e querida por ela.

Aos amigos de faculdade, pela amizade sincera e pelo apoio ao longo de todo o período em que me dediquei à graduação e a este projeto.

Agradeço as minhas amigas, Ester, Taisa e Daniela que me ajudaram a levantar em momentos complicados, seguraram minha mão e me incentivaram a ser uma arte-educadora melhor. Agradeço pelos conselhos e coisas que aprendemos juntas ao longo das nossas caminhadas.

Agradeço à minha chefe Michelle Vargas, por ser uma pessoa incrível e paciente. Com ela aprendi que o trabalho pode ser um lugar acolhedor e divertido. Agradeço por ter me proporcionado a oportunidade de ser professora na *Lemon Tree* e aprender mais sobre o ensino afetivo.

Agradeço aos professores e todos aqueles que contribuíram, de alguma forma para a elaboração desse trabalho e durante a minha graduação. Por serem tão gentis comigo durante essa etapa da minha vida, vou levar todos os ensinamentos em meu coração.

Agradeço ao meu professor e orientador André Ferraz por ser tão parceiro, educado e divertido. Sem ele, esse processo não teria sido tão enriquecedor para a minha vida. Me inspiro muito nele e em seus ensinamentos.

## RESUMO

Este trabalho é uma análise sobre o processo pedagógico a partir da contação de histórias para uma educação afetiva. O processo de pesquisa e prática foram desenvolvidas a partir do dia 10 de janeiro até 10 de dezembro de 2022, um total de dois semestres, na escola de línguas *Lemon Tree* que utiliza o método de ensino afetivo como norteador do processo de aprendizagem, com três alunos de 3 até 5 anos de idade, turma de terça e quinta, no horário de 15h30min até 16h45min. A partir de estudos sobre contadores de histórias brasileiros e especialistas em ensino afetivo, o objetivo é mostrar a importância da troca de afetividade em sala de aula desenvolvendo um espaço de escuta ativa, respeito e colaboração na educação. Além disso, a análise de como a contação auxilia a formar indivíduos criativos e respeitosos na sociedade em que estão inseridos, porque é grande auxiliador na resolução de conflitos.

**Palavras-chave:** Educação afetiva; ensino afetivo; contação de histórias; criação artística; escuta ativa; afetividade.

## ABSTRACT

This project is an analysis of the pedagogical process based on storytelling for an affective education. The research and practice process were developed from January 10 to December 10, 2022, a total of two semesters, at the Lemon Tree language school which uses the affective teaching method as a guide of the learning process, with three students from 3 to 5 years old, on Tuesday and Thursday classes, from 3:30 p.m. to 4:45 p.m. From studies on Brazilian storytellers and specialists in affective teaching, the goal is to show the importance of the exchange of affection in the classroom by developing a space for active listening, respect and collaboration in education. In addition, there is an analysis of how storytelling helps forming creative and respectful individuals in the society that they are inserted, because it is a of great help to solve conflicts.

**Keywords:** Affective education; affective teaching; storytelling; artistic creation; active listening; affection.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1</b> – Dedoches do Sr. Leão, Sra. Ovelha e Pequeno Urso (Foto de Beatriz Nogueira Ferreira).....	<b>13</b>
<b>Figura 2</b> – Senhorita Mãozinha (Foto de Beatriz Nogueira Ferreira).....	<b>19</b>
<b>Figura 3</b> – Capa do livro <i>Brown Bear</i> (Foto de Beatriz Nogueira Ferreira).....	<b>23</b>
<b>Figura 4</b> – Ferro de passar roupa (Foto de Beatriz Nogueira Ferreira).....	<b>27</b>
<b>Figura 5</b> – Nossa lavanderia (Foto de Beatriz Nogueira Ferreira).....	<b>28</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1. ENSINO AFETIVO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1. <i>Circle Time</i>, momento de falar de si.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2. A Criança Performer/Aluno Protagonista.....</b>	<b>17</b>
<b>2. PLANEJAMENTO.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1. Macroplanejamento.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2. Aplicação do planejamento.....</b>	<b>25</b>
<b>3. RESOLUÇÃO DE CONFLITOS POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS...</b>	<b>28</b>
<b>3.1. Compreendendo a participação das crianças no processo de criação de histórias.....</b>	<b>30</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

Esse projeto traz como objetivo o diálogo sobre os desafios enfrentados em sala de aula, em um contexto pós-pandêmico. Compreendendo que ouvir histórias nos proporciona uma amplitude na construção da identidade por meio da imaginação. A Contação de Histórias entrelaçada ao ensino afetivo para crianças, atua como fundamento essencial para a construção de relações sociais saudáveis. Explorando a criatividade, desenvolvimento de aprendizagem e habilidades cognitivas. Na visão de uma educação pós-pandemia da COVID-19, a Contação de Histórias auxilia os alunos e alunas a entenderem o mundo à sua volta. Pois, as crianças passaram por um momento de distanciamento de sua rotina e/ou nasceram no meio dessa realidade que vivemos desde 2020.

Para dar continuidade ao diálogo, vale ressaltar que quando pequena, adorava escutar o que os adultos tinham a contar e inventar histórias. Vejo que esse era um passatempo que me arrancava sorrisos, lágrimas e reflexões. Meus maiores ouvintes eram os colegas de escola e hoje vejo que, mesmo que as histórias fossem o que os adultos costumam chamar de “sem sentido”, nossos momentos de brincadeiras nos renderam boas memórias e ensinamentos para a vida adulta.

O projeto foi elaborado em Águas Claras – DF, cidade rodeada de prédios e moradores de renda média, os alunos em sua maioria são brancos e estudam em escolas particulares. Tal realidade muito diferente da minha, morada da Ceilândia, negra e que sempre estudou em escolas públicas. Respeitamos e compreendemos que há diferenças entre aplicar o ensino afetivo em uma escola particular, trabalhamos fortemente com a valorização da cultura e respeito as classes sociais, principalmente em turmas com alunos bolsistas. Foi na *Lemon Tree* que vi a importância de uma comunicação horizontal com as crianças para se distanciar da visão de que elas não compreendem a lógica cotidiana dos adultos. Pois, nem sempre as histórias que contamos seguem um caminho lógico para a pessoa que escuta, aprendi isso observando as crianças entre 3 e 5 anos de idade explicando como estão se sentindo, pois essa é uma fase em que as crianças estão aprendendo como lidar com a multiplicidade de sentimentos que podem ter durante o dia.

A partir da visão do que significa lógica, esse trabalho explorou por meio da improvisação, a potencialidade que as crianças têm de criação e associação. Quando estamos na roda de sentimentos falando como estamos no dia, geralmente as crianças de 3 e 4 anos seguem uma lógica de criação que parte da associação com a história que o colega contou, por



exemplo, se o colega “A” disse que está feliz porque foi na piscina, o aluno “B” diz que está cansado porque foi na piscina e nadou com crocodilos e tubarões, então o aluno “C” diz que está animado, pois vai nadar na piscina contra tubarões, cobras e crocodilos, mas a sua mãe vai salvar ele e dar sorvete. Incluir na rotina momentos em que as crianças possam criar histórias e contar como foi seu dia, nos auxilia a entender como se dará o resto do nosso encontro e nos permite utilizar a arte-educação como um espaço aberto de respeito, diversão e criatividade. Acredito que isso são pontos essenciais, pois, inspirada no que diz o Daniel Munduruku

A gente aprende muitas histórias durante a vida. Algumas são para dizer quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Essas histórias nos ajudam a perceber parte do universo. Tem história que nos ensinam de onde tirar nosso alimento: histórias da mandioca, dos frutos comestíveis, das plantas medicinais. Essas histórias nos contam que tudo é sagrado porque nos foi dado graciosamente. (MUNDURUKU, 2016)

Porém ao longo da caminhada em sala de aula, podemos descobrir também que ter uma troca significativa com crianças entre 3 e 5 anos tem sido uma experiência desafiadora no âmbito de comunicação e interação social, visto que no avanço digital em que vivemos, estar dentro de sala de aula requer sempre mudança de ritmo, improvisação e exploração de novas formas de ensinar, pois

A utilização da tecnologia cada vez mais precoce e frequente provoca vários questionamentos polêmicos quanto ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança, uma vez que, as crianças acabam substituindo as amizades reais pelas virtuais e preferem se divertirem aderindo ao mundo virtual (jogos eletrônicos e redes sociais) em detrimento de jogar bola e correr, ou seja. Brincadeiras tradicionais nas quais envolvem exercícios físicos e a interação social com outras crianças. (PAIVA E COSTA, 2015)

Compreendendo tal realidade, qual a influência da contação e da criação de histórias na vida social e cognitiva das crianças? É a partir dessas histórias que não necessariamente seguem uma lógica ocidental de início, meio e fim, que as crianças têm espaço para explorar o desconhecido e imaginário, e o uso da afetividade pode nos proporcionar segurança e acolhimento, quando utilizada de forma consciente e paciente, pois o desconhecido assusta e a criação de um vínculo se torna essencial para a troca sincera em sala de aula e estabelecimento de um lugar seguro. Esse vínculo tem a habilidade de criar laços e uma conexão com o outro dentro do grupo em que está inserido. Segundo Zimmerman (2001), vínculo, do latim *vinculum*, significa união, ligadura, atadura, ligação entre as partes que estão unidas e delimitadas entre si.

Além disso, se torna necessário compreender que o afetivo significa muito mais do que trazer ludicidade, escuta e brincadeiras, porque também estamos expostos a afetar de forma negativa uma pessoa quando não percebemos nossas ações e palavras, dessa forma, a quebra de

um vínculo entre aluno/professor ou aluno/aluno pode acontecer em segundos, enquanto a criação do mesmo pode demorar meses. Um exemplo de quebra de vínculo é quando, sem perceber, acabamos sendo rígidos em alguma situação, não escutando ou não nos esforçando para entender as necessidades das crianças, que ainda estão aprendendo a identificar o que precisam e querem.

A contação de histórias tem o poder de reestabelecer uma relação entre professor/aluno, exploramos como a informalidade no contar e no criar que nos auxilia a estabelecer um ambiente seguro em que podemos explorar a partir de contos de exemplo, a nossa individualidade dentro do grupo que estamos.

Nesse período, as crianças também puderam ampliar a sua criatividade por meio da improvisação em atividades em que elas deveriam criar um final para as histórias que eram apresentadas a elas durante as aulas. Nessa turma as crianças estavam no *silent period*, momento de aquisição em que não se espera que o aluno produza ativamente todo o seu discurso em inglês. Porém, o aluno começa a incluir palavras cotidianas em seu discurso. Podemos ver a criatividade das crianças mesmo mesclando dois idiomas, como por exemplo, no dia em que estávamos criando uma história sobre uma casa na floresta e uma das alunas disse que naquela casa morava um leão e que ele precisava de ajuda para fazer o dever de casa, pois estava muito difícil. A partir de uma escuta ativa no momento da história, pude compreender que a aluna precisa de um pouco mais de atenção e ajuda nas atividades que estávamos fazendo e também tinha a necessidade de que eu falasse mais devagar durante as explicações.

Em dezembro de 2019, infelizmente fomos surpreendidos por um evento traumático. A Covid-19 é a doença causada por um novo tipo de coronavírus (provocada pelo vírus SARS-CoV-2), em que o primeiro caso aconteceu em Wuhan, na China. A doença que causou uma pandemia global em proporções inimagináveis, teve impacto em nossas vidas pessoais, profissionais e nossa forma de se relacionar com o outro. Após três anos, ainda temos grandes desafios relacionados ao que aconteceu e o que tem acontecido. As marcas que essa doença deixou, são difíceis de se apagar. Decretos emergenciais foram estabelecidos com objetivo de reduzir o impacto dessa pandemia na sociedade. Um deles foi a quarentena em que fomos forçados a viver em um cenário com escolas paradas, universidades sem aulas, estabelecimentos fechados etc. A partir desse momento, a forma de ensinar foi se tornando um desafio, pois cerca de 860 milhões de crianças do mundo todo saíram um dia das aulas e na manhã seguinte não puderam voltar à escola, nem brincar com seus amigos, visitar os avós ou correr ao ar livre (PORTINARI, 2020).

Os problemas psicológicos que vem atingindo não só adultos, como também as crianças. Não está relacionado apenas pelo medo desse vírus, mas também sobre pela privação social.

Vivenciamos os impactos de uma mudança drástica na forma de se relacionar e ver o mundo, para as crianças podemos notar que

Vários estudos preliminares apontam a relação entre longas quarentenas e maior angústia psicológica, que podem se manifestar de diversos modos como, por exemplo, pesadelos, terrores noturnos, medo de sair de casa de que seus pais voltem ao trabalho, irritabilidade, hipersensibilidade emocional, apatia, nervosismo, dificuldade de concentração e até um leve atraso no desenvolvimento cognitivo da criança. (PORTINARI, 2020)

A importância da contação histórias no contexto pandêmico muito além de uma estratégia de aprendizagem ou de diversão. Vivendo com meus dois primos dentro de casa, um menino de quatro anos e uma menina de nove. Pude perceber que, para enriquecer os momentos ociosos ou desanimadores a contação de histórias se tornou um ato de resistência e de esperança. Exploramos diversas formas de aprendizagem, principalmente pelo fato de que eles estavam passando por uma fase de adaptação. As escolas públicas começaram a utilizar o Google Sala de aula, um aplicativo em que as aulas eram ministradas. Mas como eram feitos os momentos de diversão? As trocas com os colegas? A criação de um vínculo?

Muitas dessas necessidades sociais não conseguiam ser supridas pelo fato do distanciamento. Hoje, mesmo com as aulas presenciais, podemos ver as marcas que a pandemia deixou na educação e na forma das crianças lidarem umas com as outras. Portanto, proporcionar um espaço em que as crianças possam desenvolver sua confiança através da criação de histórias se torna um ato de bravura. Pois, essas histórias, fictícias ou não, vão auxiliar na criação de um vínculo entre aluno/professor, no desenvolvimento cognitivo, pensamento crítico, raciocínio lógico e no imaginário das crianças.

## 1. ENSINO AFETIVO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Compreende-se o termo Ensino Afetivo como a educação que explora o processo de aprendizagem a partir do desenvolvimento de emoções, sentimentos, pessoal-social, ética e moral. Considerado que, a afetividade apresenta um papel de suma importância no desenvolvimento pessoal e na construção do conhecimento. Nessa perspectiva, o Ensino Afetivo diz respeito à relação entre professor-aluno para a criação de um ambiente criativo, intelectual e respeitoso.

Dessa forma, todos os envolvidos podem expressar suas emoções e interesses de aprendizagem, para Vigotski (2001), a aprendizagem compreende-se como a inclusão de relações entre as pessoas. A relação da pessoa com o mundo é sempre intercedida pelo outro. Não há como aprender e compreender o mundo sem que os outros nos provejam significado para nos fazer pensar sobre o mundo ao nosso redor. Concordo com Ângela Barcellos Café, em sua tese *Os contadores de histórias na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos*, ao dizer que

O ambiente escolar não precisa ser duro, frio e sério para ser eficiente. A busca por uma educação de qualidade tem questionado a rigidez na educação escolar. Nesse sentido, a luta pela valorização da arte e da experiência lúdica, como fundamentos da educação humana e não como complementos supérfluos, tem merecido atenção e adesão. (CAFÉ, 2015, p. 43-44)

Dessa forma, temos lutado para que a arte seja um fundamento essencial durante as aulas de inglês. O fato de não utilizarmos livro didático demonstra a preocupação com as linguagens artísticas que trazem por meio da ludicidade conhecimento e aprendizado de forma memorável. Comprendemos que a importância do Ensino Afetivo em sala de aula refere-se ao crescimento intelectual por meio da vontade de aprender, em que o professor atua como instigador de desejos. Através da afetividade e da contação de histórias podemos explorar a inteligência do comportamento humano com a valorização das vivências.

O Ensino Afetivo não é permissividade, contato físico ou ser amigo antes de ser professor. Porém, é um ambiente seguro em que desenvolvemos uma comunicação autêntica, respeito entre os envolvidos no processo de aprendizagem, a nutrição de curiosidade e criatividade. Apesar de afeto ser um verbo que, às vezes, é relacionado as sensações boas. Spinoza em seu livro *Ética* aponta que “por afeto, entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias acerca destas afecções.” (SPINOZA, 2009). Dessa forma, é possível

concluir que afeto não está relacionado apenas aos momentos de boas sensações e afetar algo ou alguém também pode ter um significado negativo. O afeto engloba a natureza do ser afetado e a do ser afetante, estamos expostos a afetar e ser afetado por outros corpos ao nosso redor o tempo todo. Esses afetos quando trabalhados de forma positiva em sala de aula, podem aumentar a potencialidade de ser e agir dos envolvidos no processo de aprendizagem.

Logo, contação de histórias no ensino afetivo, mais precisamente no curso de inglês da escola *Lemon Tree*, se fez presente como norteador para o aluno explorar suas potencialidades artísticas e intelectuais, sem fazer uma separação da magia e o real. Segundo Daniel Munduruku, em seu artigo *Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces*, a escola nos passa a ideia de que somos ensinados a “ser alguém”. Portanto, é onde vemos a separação do real e da magia. O pensamento do que é desconhecido que traz suas inúmeras possibilidades de exploração é mudado para algo que é lógico e conhecido. Tal acontecimento limita a expansão da criatividade e magia, pois cedem lugar para o que a escola julga ser adequado seguindo o modo ocidental que estamos acostumados.

Em nossas experiências dentro de sala de aula, com os alunos de 3 a 5 anos de idade. As crianças eram convidadas a participar das rodas de conversas em que iniciávamos com uma contação de história. Ao finalizar a história, os alunos eram convidados a contarem uma também. Sem a pressão de que as histórias deveriam seguir uma lógica de início, meio e final. Podendo explorar o desconhecido de forma leve e afetiva. Dessa forma, elas encontravam ali um momento de acolhimento e abertura para explorarem sua criatividade por meio da contação de histórias.

Começamos a incluir elementos visuais e sensoriais no *Circle Time*. O momento em que nos reunimos em roda para desenvolver uma relação positiva entre as crianças. Um espaço em que falamos sobre sonhos, coisas que fizemos e como estamos nos sentindo. Esses elementos foram fundamentais para auxiliar as crianças no processo de improvisação na hora de contar ou criar suas histórias. Tivemos a ideia de criar personagens para as nossas histórias. Criamos alguns bonecos com material reciclável que tínhamos utilizado em sala de aula. Na fotografia a seguir, podemos ver o Sr. Leão, o Pequeno Urso e a Sra. Ovelha.



Sr. Leão, Pequeno Urso e Sra. Ovelha. Foto: Beatriz Nogueira Ferreira

O momento de criação das personagens foi muito interessante. Porém, é importante ressaltar que lidar com a frustração é um aspecto complicado para as crianças e tivemos momentos em que trazer as histórias não eram o suficiente para que as crianças mantivessem o seu foco ou interesse. Portanto, encontramos o desafio de encontrar estratégias para que elas sentissem que suas decisões são respeitadas, mas que há momentos todos fazemos algo que não nos agrada ou cativa.

Tivemos uma experiência em que uma aluna autista se estressou, pois não estava compreendendo a aula e recorremos para a contação de histórias. Utilizamos as nossas personagens, com o objetivo de deixar a aula mais leve e dessa forma fazer com que ela se sentisse mais acolhida. Porém, ela ficava cada vez mais estressada. As tentativas de conversa e proposta de atividades lúdicas não funcionaram. Em determinado momento, a dificuldade de lidar com a frustração foi tamanha que ela me bateu. Vejo que esse momento foi importante para ver que nem tudo em sala de aula sai como esperamos.

São momentos como esse em que temos a oportunidade de melhorar a comunicação entre professor-aluno. Pois, o aluno tem a necessidade de que o professor o escute e o entenda. Por esse motivo, uma escuta ativa e o desenvolvimento de uma comunicação não violenta, se

torna um fator essencial em sala de aula. Além disso, no livro *Dez novas competências para ensinar*, afirma Perrenoud:

A maior parte dos alunos tem necessidade de ser reconhecida e valorizada como pessoa única. Os alunos não querem ser um número em uma sala de aula. É por isso que o ensino eficaz é um trabalho de alto risco, que exige que as pessoas se envolvam sem abusar de seu poder. (PERRENOUD,2000, p.151)

Dessa forma, se torna importante também mostrar para os alunos quem somos e o que gostamos. A criação de um vínculo não faz apenas de um lado. Ambos devem mostrar suas necessidades, peculiaridades e anseios. Entendendo isso, na aula seguinte, nosso momento de contação de histórias foi diferente. Nos sentamos no chão e comecei a contar histórias sobre mim, levei fotos da minha infância, músicas que gosto e comidas que não gosto. Nesse momento, a aluna conseguiu compreender um pouco mais sobre mim e que eu também tenho momentos de frustração em que não sei lidar ou preciso de ajuda. Porém, mesmo que esse momento tenha sido significativo, não poderíamos deixar que o ocorrido passasse despercebido.

Com a utilização de uma comunicação não violenta, chamei a aluna para uma conversa sincera. Expliquei que no momento X, eu me senti de determinada forma, pois ela tinha me batido e essa atitude não foi legal. Finalizamos a conversa com o pedido de que na próxima vez em que nos sentíssemos frustradas, utilizaríamos o livro *The feelings book* (O livro dos sentimentos) para comunicar que precisamos de atenção.

### **1.1. Circle Time: momento de falar de si**

O *Circle Time* que podemos chamar como “Hora do Círculo” ou “Roda de Conversa” é uma estratégia de ensino e aprendizagem. Ele oferece aos estudantes um momento descontraído e leve para o desenvolvimento pessoal, social, emocional e, ao mesmo tempo, ajuda as crianças a compreenderem os valores morais universais e a praticarem a capacidade de resolução de problemas. O *Circle Time* promove o desenvolvimento da língua, a criação de confiança, habilidades de olhar, ouvir, falar, pensar e concentrar-se. Nele compreendemos a necessidade de uma **ética afroperspectivista**, que atua a favor da infância.

Segundo Nogueira e Barreto (2018), tal expressão parte de um debate para incorporar vozes ameríndias e africanas na educação e na filosofia. Como um objetivo geral da escola, que é o horizonte da educação, este tipo de ética torna a **infancialização** viável. Vale ressaltar que o termo “infancialização” não é o mesmo que “infantilização”. Segundo Narodowsky (2001), no livro “infância e poder: conformação da pedagogia moderna”, em termos de semântica, o

verbo infantilizar tem o mesmo significado de acriançar, ou seja, “abebezar” a criança. Dessa forma, esse termo assume um sentido negativo e pejorativo no discurso da modernidade. Já o termo “infancialização” na visão afroperspectivista, para Nogueira e Barreto:

As crianças precisam experimentar a vivência infantil de proximidade com outros sujeitos morais não-humanos, tais como as plantas, vegetação, diversos animais de outras espécies que dividem o bioma. De modo que possam ter o que aqui denominamos de “experianças” (experiências + crianças) que são condições de possibilidade da infancialização. Em termos afroperspectivistas, especulamos que experianças remetem a abertura de dialogar com coisas animadas de outras espécies e seres inanimados. (NOGUERA; BARRETO, 2018, p. 634)

Compreendemos por meio de debates entre os professores e equipe pedagógica que era essencial trabalhar e nutrir em sala de aula as possibilidades de se debater sobre questões étnicas e culturais. Principalmente pelo fato de estarmos em um curso de idiomas em Águas Claras em que a maioria dos educadores são negros e periféricos. Encontramos por meio da visão afroperspectivista a possibilidade de criar um projeto de um mês sobre pessoas negras, fizemos jogos, debates, brincadeiras e contações de histórias. Tais histórias que valorizavam tanto os educadores, familiares quanto famosos, cientistas e artistas negros. Nosso projeto chamado *Black history month* foi um sucesso em todas as turmas, proporcionando uma amplitude no saber e aprendizado as crianças de forma lúdica e respeitosa.

Além disso, o termo nos possibilitou perceber e entender na infância as diversas possibilidades de experimentar as vivências de maneira **brincante**. Entendemos que a “brincadeira” pode ser considerada como resultado de uma cultura ou povo, porque organizamos as brincadeiras de acordo com o conhecimento da realidade, dessa forma temos a percepção das vivências, entendendo que a brincadeira possui um significado (VIERA, 2008, p. 9). Compreendemos também que “na brincadeira, a criança apreende e se expressa no mundo, pelo simples brincar” (TADEU, 2011, p. 20). Inclusive com autoconhecimento e aprendizado assumimos a dúvida, a percepção de mundo, as relações com as pessoas ao nosso redor e a impermanência. Dessa forma, conseguimos reinventar o modo que estamos agindo e o que estamos sentindo.

A brincadeira faz parte de um momento de diversão em que as crianças exploram suas habilidades, o desconhecido e suas vivências de forma lúdica, por mais que algumas pessoas pensem que brincadeiras não são importantes para o processo de aprendizagem, segundo a arte-educadora Helena Tenderine (2003) “as brincadeiras são algo muito sério. [...] São expressões de impressionante complexidade, que, comumente, trazem em si uma dialogia entre seriedade e comicidade”. Dialogando com tais afirmações, Erico José Souza de Oliveira, em seu artigo *A*



*brincadeira do Cavalo Marinho de Pernambuco: reflexões sobre uma possível prática decolonial afro-brasileira e as artes cênicas*, diz que:

O que deve ser levado em conta na noção de brincadeira é seu sentido polissêmico, dialógico, não-dicotômico e não-cartesiano, na medida em que se localiza entre o passado imemorial e presente sociocultural, entre ancestralidade atemporal e contemporaneidade localizada histórica, geográfica e socialmente, explodindo as dualidades espaço-temporais. (OLIVEIRA, 2022, p. 327)

As crianças consideram o *Circle Time* um espaço divertido e motivador, em que elas têm a oportunidade de brincar explorando e desenvolvendo dinâmicas curtas, sensoriais, contando de histórias “dialogando com temas atuais e mostrando situações do cotidiano dos lugares onde elas acontecem [...] elas constroem também uma ponte estreita entre o lado do imaginário, onde ela está situada e o lado do real, onde se situam os que dela participam” (TENDERINE, 2003, p. 20). Então, para a valorização da nossa cultura e para compreender melhor a diferença entre os estados brasileiros, participamos do projeto “caixas da natureza” em que as crianças criaram inúmeras brincadeiras e brinquedos para enviar para outro estado brasileiro. Na caixa da natureza contamos como são nossos dias no DF e como é a vegetação do cerrado. Ensinamos nossas brincadeiras, jogos, comidas típicas, animais do cerrado e cheirinhos naturais que temos por aqui. As crianças tiveram a oportunidade de pesquisar e aprender mais sobre o estado do Pernambuco, sobre sua vegetação, comidas típicas e utilizamos da arte para falar sobre a brincadeira do Cavalo Marinho. Estudamos o vocabulário de roupas, cores e movimentação que aprendemos. As crianças puderam aprender sobre a nossa cultura e conectar esse conhecimento ao aprendizado do inglês.

No meio do semestre recebemos um colega novo que ainda não tinha experiência na escola regular, por esse motivo, ele ainda não compreendia muito bem a importância do ensino em sua vida e o motivo pelo qual temos que respeitar o espaço e individualidade do outro. Com a intenção de abordar esse tema dentro de sala de aula por meio de contos de exemplo, como forma de ensinar e promover uma mudança de pensamento sem a exposição e a repreensão pelas atitudes do aluno.

Escolhemos um livro chamado *We don't eat our classmates* (Nós não comemos nossos colegas de classe),<sup>1</sup> a história conta sobre a primeira vez da dinossaura Penélope Rex na escola, um ambiente novo e cheio de crianças. Penélope tem o costume de morder os colegas e essa atitude faz com que eles se sintam desconfortáveis com a situação. Então, ela reflete sobre as suas atitudes e decide se esforçar para tratar os colegas com mais gentileza e respeito.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

Durante a contação da história, utilizamos perguntas de instigação como, por exemplo, “O que você faria se fosse a Penélope?”, “Você acha que os colegas dela gostam dessa atitude?”, “O que você faria nesse momento?” etc. Toda as perguntas eram inseridas na contação com ritmos diferentes, suspense e entonações que variavam como humor das personagens. A partir dessa dinâmica, iniciamos o processo de criação do final da história, o aluno “A” criou uma situação em que a Penélope tinha que mudar de escola e os pais brigaram com ela. Os alunos “B” e “C” criaram uma situação em que a Penélope pedia perdão pelo que ela havia feito e depois todos ficavam felizes e se divertiam juntos, levando à conclusão de que é importante respeitar os colegas, não os machucar e ser mais cuidadosos uns com os outros. Depois desse dia, percebemos uma melhora significativa nas atitudes dos alunos e no cuidado e afeto que geraram uns pelos outros. São momentos como esses que mostram que a simplicidade ao trazer um tema ou desafio dentro de sala de aula pode ser divertido e leve.

O *Circle Time* está presente em nossa rotina. Manter uma rotina nos auxilia no entendimento e desenvolvimento do grupo. Nos proporciona entender o funcionamento das crianças. Permite que as crianças tenham consciência e clareza sobre o que estamos fazendo e o que faremos depois, controlando uma ansiedade, inquietação que pode ser gerada pelo receio do desconhecido e entendimento de tempo-espço. Além disso, a rotina nos traz segurança para enfrentar obstáculos que podem surgir durante a aula e nos proporciona tranquilidade. Porém, mesmo com a importância da rotina, atividades diferentes, jogos novos e elementos surpresa durante a aula nos auxiliam contra a frustração.

Inverter os papéis na hora do *Circle Time*, pode ser uma técnica interessante. Colocamos as crianças no papel de criadoras de histórias com o auxílio das personagens e livros. Esse é um ótimo momento para trabalhar a motivação, mostrando que as crianças têm capacidade de alcançar o que querem explorando a sua criatividade e esforço.

A partir das histórias que as crianças criam, podemos ver a utilização do vocabulário alvo, a resolução de problemas que surgem por meio da imaginação e criatividade. Elas têm a oportunidade de aprimorar a sua escuta, respeitar os colegas que estão contando a história e empatia pelos sentimentos do outro.

É importante ressaltar que, ao colocar uma criança em evidência para criar e compartilhar, temos que ser positivos e empáticos, pois mesmo que as situações pareçam simples, cada pessoa desenvolve suas habilidades em um tempo específico, principalmente quando o tema que estamos trabalhando se refere aos sentimentos. Aprender a falar sobre como estão se sentindo e contar histórias sobre o motivo de estarem chateados, requer uma grande capacidade de gestão para crianças entre 3 e 5 anos de idade. Por isso, é necessário elogiar os

esforços que cada criança faz na sua viagem para compreender e gerir as suas emoções. É importante que frases de motivação e encorajamento façam parte do nosso vocabulário, por exemplo, “você é muito corajoso”, “essa história é incrível”, “eu te entendo” etc.

## 1.2. A Criança Performer/Aluno Protagonista

A criação de histórias permite que as crianças explorem a sua criatividade e imaginação em sala de aula, elas têm a oportunidade de assumir autonomia e responsabilidade na criação de suas próprias narrativas. Desse modo, podemos acompanhar o desenvolvimento de habilidades orais e expressividade. Para Marina Marcondes Machado

Pensar a criança como performer no campo da educação artística, portanto, tangencia a necessidade de novas metodologias para olhar as relações com ela, pois há que propiciar liberdade para performar. Será necessário experienciar uma espécie de descentramento do lugar do adulto educador. O saber não pertence ao educador, não reside em sua formação, técnicas e conhecimento; o saber encontra-se entre ele e seus alunos.” (MACHADO, 2010, p. 13)

O conceito de Criança Performer dialoga com o que compreendemos por Aluno Protagonista que de acordo Eliana Rodrigues Silva<sup>2</sup> “O aluno trará no seu corpo, no seu movimento e no seu repertório de informações, os rastros da sua trajetória de vida, se tornando o principal protagonista no binômio ensino/aprendizagem” (SILVA, 2014, p. 74). Entende-se também como protagonismo no processo de aprendizagem, o fato de que o aluno pode exercer determinada liberdade em sala de aula, propondo atividades e explorando suas múltiplas inteligências. Fazendo-se necessário analisar e questionar aos alunos como eles gostariam de aprender. Pode parecer uma tarefa complicada abordar todas as formas de aprender, principalmente em turmas muito grandes. Porém, uma rotina planejada nos auxilia na exploração de diversas formas de aprendizado.

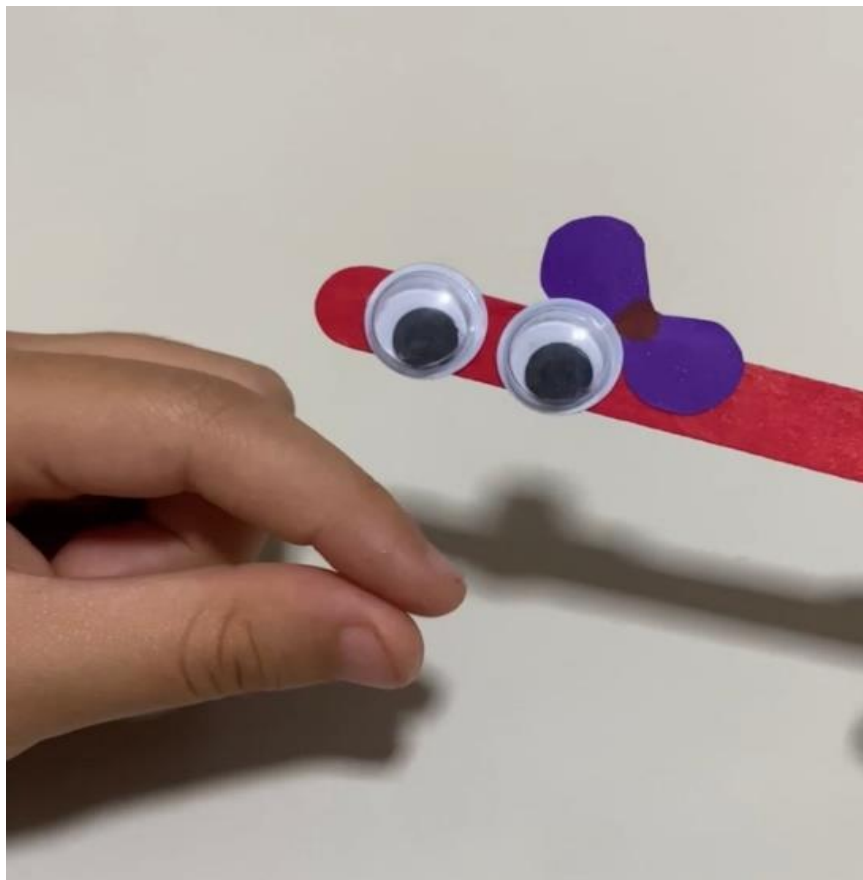
Abrir espaço para o Aluno Protagonista possibilita que ele explore sua forma de pensar e imaginar para trazer como proposta aquilo que faz parte de seu cotidiano, desde um simples passeio ao parque, até uma “viagem para a lua”. Proporcionar um ambiente sem julgamentos em que a criança tem responsabilidade e liberdade pelo seu processo de criação, pode promover estratégias metodológicas maleáveis de acordo com os contextos que vivemos em sala de aula. Para que esse ambiente se torne um lugar favorável para as crianças, Luciana Hartmann, em seu artigo *Crianças contadoras de histórias: narrativa e performance em aulas de teatro*, afirma

---

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia.

que “antes do ‘contar’, uma ação de um indivíduo frente ao grupo, é desejável que as crianças joguem, brinquem, cantem coletivamente. Após as atividades de grupo, cria-se um ambiente favorável, que estimula e facilita as performances individuais.” (HARTMANN, 2014, p. 243).

Nem sempre lidamos com alunos expressivos e disponíveis para situações de exposição em frente aos colegas. Dar o protagonismo aos alunos pode ser feito de forma convidativa e respeitosa, no qual o aluno não é obrigado a se expor ou participar de atividades que sejam desconfortáveis. Em situações como essa, o professor tem a possibilidade de explorar outras formas de contar histórias. Fazendo uma pesquisa com esse aluno sobre como ele gostaria de apresentar uma narrativa pessoal ou imaginária para a turma. O teatro nos possibilita contar algo sem necessariamente usar a oralidade para isso, ou seja, outras dramaturgias podem fazer parte da nossa experimentação. Na fotografia a seguir, podemos ver que um aluno teve a ideia de criar um personagem para contar sua história.



Senhorita Mãozinha. Foto: Beatriz Nogueira Ferreira

Como o aluno estava com vergonha de expor-se presencialmente em frente a turma, separamos um momento a sós em que ele pôde escolher a forma em que queria contar sua

história. Então, tivemos a ideia de fazer um pequeno vídeo da personagem com o próprio aluno contando a história para os colegas. Após a gravação do vídeo, reunimos os colegas e apresentamos a proposta do colega. Vejo que aquele dia se tornou uma memória afetiva e significativa para os alunos, visto que, todos utilizaram o vocabulário alvo<sup>3</sup> e expressaram-se da forma que queriam e ainda se divertiram juntos.

O estabelecimento da liberdade para as crianças escolherem o que elas sentem vontade de comunicar nos oferece diversas possibilidades de aprender e ensinar. Além disso, a exploração de diferentes formas de criar e narrar age como uma forma de expressão necessária, através da qual as crianças têm a possibilidade de atuar como criadores de sua própria história, sendo essa uma readaptação de memórias vividas ou o desenvolvimento de sua criatividade.

---

<sup>3</sup> O vocabulário alvo é estabelecido por um número estabelecido de palavras ou verbos que esperamos que as crianças aprendam durante as aulas, levando em consideração o que elas já aprenderam nas aulas anteriores.

## 2. PLANEJAMENTO

O sistema de planejamento no Ensino Afetivo tem como pilar o foco no interesse dos alunos, percebendo a individualidade de cada criança e dessa forma, incluindo elementos divertidos dentro de sala de aula. Esse tipo de planejamento acontece por meio de uma construção coletiva que inclui as necessidades dos envolvidos, a partir da observação do professor dentro de sala de aula. O processo de planejamento abre espaço para que o educador considere três pontos importantes na hora de planejar a aula. Em primeiro lugar, a criança e suas peculiaridades, em segundo o grupo, aqui entendemos como grupo a forma em que as crianças convivem entre si, exercendo a sua individualidade e respeitando as diferenças. Em terceiro lugar, os objetivos linguísticos que estão dentro do macroplanejamento, pois eles são relevantes para aquele momento de aquisição, porque é a partir da observação, vivência com as crianças e do registro de desenvolvimento afetivo e linguístico que decidimos o que é mais plausível para cada situação no ensino e aprendizagem.

A *Lemon Tree* tem um planejamento pensado e elaborado em grupo, todos os educadores conseguem explorar sua criatividade para a formação do macroplanejamento que utilizamos durante o semestre em que Michelle Vargas, diretora pedagógica, organiza as ideias para que possamos compreender os objetivos linguísticos dentro de cada tema apresentado. Apesar de ser uma forma leve de criar os planejamentos, há momentos em que não temos controle total das situações e estamos sujeitos a encontrar resistências ou dificuldades. São nesses momentos em que podemos ver um crescimento e amadurecimento no desenvolvimento dos educadores, pois devemos aprender a lidar com situações em que as coisas não saem como esperávamos. Vale ressaltar que lidar com as frustrações também faz parte do processo de crescimento dos alunos, pois dentro dessa metodologia encontramos uma troca de afetos. Ou seja, os educadores estão constantemente sendo afetados seja positivamente ou negativamente pelos alunos. Porém, o Ensino Afetivo é uma metodologia de possibilidades, em que temos a oportunidade de moldar e buscar novas formas de reverter situações negativas para que as crianças e os educadores tenham uma experiência verdadeira e efetiva.

Dentro do tempo de planejamento, buscamos analisar e adequar o conteúdo de acordo com as necessidades do grupo. Por isso, nas primeiras aulas do semestre fazemos uma descoberta de interesses durante o *Circle Time* para mapear os nossos objetivos afetivo-pedagógicos dentro do macroplanejamento. Cada aluno tem a oportunidade de contar o que move seus interesses e o que é mais desafiador para cada um. Por ter um preparo específico

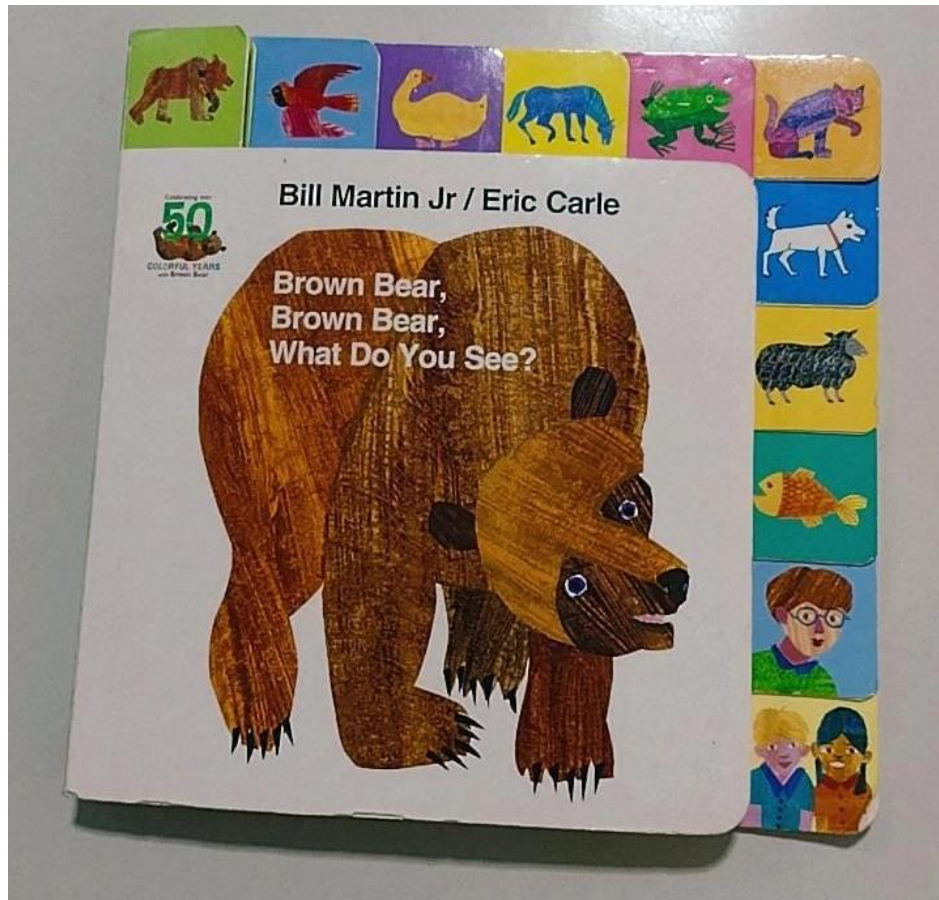
toda sexta-feira da semana, os educadores na *Lemon Tree* encontram possibilidades de viver o que não está planejado também. Estamos imersos nesse ambiente de planejamento e preparo que colecionamos ideais e estratégias para explorar o desconhecido e o novo em sala de aula. A partir do movimento de conhecer os interesses individuais, temos a missão de encontrar um denominador comum que une os interesses e nos auxilie no planejamento das aulas. Navegando pelos interesses conseguimos encontrar diversos objetivos linguísticos dentro do tema que estamos trabalhando no momento.

O planejar, afetar e exercer a autonomia do educador não são estratégias que surgem do nada e por esse motivo temos um acompanhamento individual com a coordenadora pedagógica Daniela Motta. Esse acompanhamento acontece por meio de reuniões que ocorrem semanalmente e temos o foco em dizer como estamos, como está sendo nossa semana, o que estamos sentindo em relação aos grupos, sobre as necessidades individuais que temos e que encontramos nos alunos. Cruzamos as informações que já temos de cada aluno/grupo com os conselhos e direcionamentos que ela nos traz nesse momento de reunião individual. Buscamos dentro do macroplanejamento formas de lidar com as situações que estamos passando, entendendo que cada grupo tem suas peculiaridades e nem sempre o mesmo planejamento funciona para diferentes grupos. O papel da Daniela também é nos instigar a pesquisa por meio dos deveres de casa que ela passa para os educadores, seja para entender por que determinada coisa não está funcionando ou entender a individualidade de cada aluno.

Na busca pelo desconhecido como fonte de conhecimento e aprendizagem em sala de aula, utilizamos a contação de histórias que nos permite fazer no diagnóstico da turma. Um dos livros que utilizamos durante o processo de pesquisa, se chama *Brown bear, brown bear... what do you see?* (“Urso marrom, urso marrom... o que você vê?”),<sup>4</sup> conseguimos analisar por meio desse livro qual o momento de aquisição em que a criança está. Ou seja, identificar as habilidades da criança na produção oral, escrita e até que ponto ela compreende o que estamos falando, seja com o uso de gestos ou imagens. Na imagem a seguir podemos ver o livro que utilizamos e a nossa estante de livros que é montada a partir dos nossos planejamentos e necessidades.

---

<sup>4</sup> Tradução nossa.



Capa do livro *Brown Bear*. Foto: Beatriz Nogueira Ferreira

Quando a contação de histórias não funciona, pois os alunos estão agitados, cansados ou até mesmo quando o livro não funciona, usamos a improvisação que nos permite encontrar outras possibilidades para a história, dessa forma podemos proporcionar uma experiência sensorial e significativa para o grupo. É importante o educador tentar cativar a atenção dos alunos por meio da ludicidade, desse modo abrimos espaço para que as crianças explorem a sua criatividade para dar um rumo determinado para a história, assim o educador e os outros alunos encontram o desejo de participar dessa criação. O final do livro não dita como a nossa experiência de ouvir e contar deve terminar e o fechar o livro não significa a interrupção da criatividade.

O livro nos mostra um caminho que pode se tornar simples ou desafiador e é a improvisação coletiva que vai ditando as regras de como a nossa história vai terminar. Os alunos encontram nesse momento, um espaço de acolhimento, abertura para exercer o seu protagonismo e trabalho em equipe, pois evitamos julgamentos durante nosso processo de exploração e valorizamos o respeito ao próximo.



## 2.1. Macroplanejamento

O macroplanejamento surgiu a partir da necessidade de atender os alunos de forma remota durante a pandemia, cerca de dois em dois meses uma caixa era elaborada com atividades para os alunos desenvolverem durante as aulas remotas. Utilizávamos atividades de artes, jogos e brincadeiras que eram pensados a partir desse macroplanejamento. Com a volta das aulas presenciais Michelle Vargas começou a desenvolver ele de forma bimestral e que sempre segue uma lógica de tema, estrutura gramatical e projetos que são desenvolvidos nas turmas.

A forma que encontramos de trazer afetividade para a metodologia foi com a escolha de temas específicos que são elaborados durante o bimestre. Dentro dos temas, nos reunimos para fazer um *brainstorming* com atividades, brincadeiras, contexto e ludicidade para as crianças. Temos o objetivo de fazer com que as crianças se divirtam enquanto aprendem um novo idioma e isso torna nossas aulas mais significativas e memoráveis.

Segundo Daniela Motta,<sup>5</sup> “o macroplanejamento é uma etapa essencial no desenvolvimento das práticas em sala de aula [...] A importância do macroplanejamento está relacionada a diversos aspectos” (MOTTA, 2023). Alguns tópicos foram observados por Daniela em relação ao macroplanejamento, como por exemplo, a organização e sequenciamento que permite que o professor organize de maneira coerente os conteúdos a serem ensinados, definindo uma sequência lógica e progressiva de aprendizagem. Está presente também a articulação entre disciplinas, porque “o macroplanejamento possibilita a articulação entre diferentes assuntos, favorecendo a interdisciplinaridade” (MOTTA, 2023). O professor desenvolve a habilidade de identificar situações em que determinados conteúdos de diversas áreas do conhecimento podem ser abordados de forma integrada, enriquecendo o processo de aprendizagem dos alunos, pois mostra como as disciplinas se relacionam no mundo real.

O tempo de preparação adequado também é proporcionado no processo de planejamento individual por causa do macroplanejamento, pois os educadores encontram a oportunidade de se antecipar e se preparar adequadamente para as aulas. Ele pode identificar materiais e recursos necessários, planejar atividades específicas e criar estratégias de ensino mais eficazes. (MOTTA, 2023). Outro tópico interessante está relacionado a avaliação eficiente, completa Daniela que:

---

<sup>5</sup> Coordenadora pedagógica e professora da *Lemon Tree*.

Ao realizar o macroplanejamento, o professor também pode definir critérios e estratégias de avaliação coerentes com os objetivos de aprendizagem estabelecidos. Isso possibilita uma avaliação mais alinhada com o processo de ensino, permitindo identificar o progresso dos alunos e ajustar as práticas pedagógicas quando necessário. O macroplanejamento auxilia também a garantir que as práticas em sala de aula estejam alinhadas com os objetivos educacionais estabelecidos para determinado nível de ensino. Isso significa que as atividades e estratégias são selecionadas com base nas habilidades e competências que os alunos precisam desenvolver, promovendo uma educação mais direcionada e eficaz. Em resumo, o macroplanejamento é fundamental para que o professor tenha uma visão ampla e organizada do que será trabalhado ao longo de um período letivo. Ele proporciona uma estrutura sólida para o desenvolvimento das práticas em sala de aula, facilita a organização do tempo, a articulação entre disciplinas, a preparação adequada e a avaliação eficiente. Com isso, contribui para a qualidade do ensino e para o processo de aprendizagem dos alunos. (MOTTA, 2023)

Além de toda essa reflexão, vale apontar que ele também serve como recurso para as famílias acompanharem como estão sendo as aulas, o conteúdo programático e encontram meios de desenvolver o vocabulário e brincadeiras em casa com as crianças. Para Taisa Schmitt<sup>6</sup> (2023) o macroplanejamento é se tornou uma cultura da *Lemon Tree* em que “o jeito que um professor trabalha um tema é diferente do outro [...] cada um pode ter uma turma que trabalha melhor de uma maneira e o macroplanejamento dá a ideia e o professor vai atrás”. Dessa maneira, compreendemos que o macroplanejamento nos permite explorar as habilidades que temos de formas diferenciadas em cada turma seguindo o mesmo objetivo com caminhos diferentes. O macroplanejamento é uma base e um auxiliador no processo de planejamento dos professores na *Lemon Tree*, porém, segundo Ester Dâmaris,<sup>7</sup> alguns desafios se mostram presentes, como por exemplo “a quantidade de coisas que tem no macroplanejamento para cada tema [...] porque sendo uma pessoa que gosta muito de organização eu tento trabalhar todos os conteúdos que estão lá dentro nos dias disponíveis do bimestre” (DÂMARIS, 2023). Ou seja, há momentos em que há uma inquietação e insegurança de que o tempo não será suficiente para a finalização de todo o conteúdo. É normal sentir que desafios como esses impossibilitam o resultado final, porém é necessário que tanto os alunos quanto os professores aproveitem o caminho e vejam que a qualidade do processo, troca de experiências, atividades efetivas e afetivas são mais importantes e divertidas do que completar tópico por tópico dentro de tantas possibilidades abordadas no macroplanejamento.

Para compreendermos melhor algumas etapas do planejamento escolheremos um tema como base para abrir diálogo sobre possibilidades em sala de aula. Focaremos então no tema de roupas e características físicas. Nesse tema, os alunos devem ser capazes de descrever o que eles próprios e os colegas estão vestindo, além de enxergar e pronunciar características nas

---

<sup>6</sup> Professora e coordenadora pedagógica da *Lemon Tree*.

<sup>7</sup> Professora na *Lemon Tree*.

roupas e acessórios, utilizando adjetivos. O vocabulário alvo será: blusa, vestido, calça, meias, sapatos, pijamas. Também treinaremos os verbos de ação, como por exemplo, vestir, usar, pendurar.

Com esse tema conseguiremos montar um planejamento de duas semanas levando em consideração as habilidades que os alunos já alcançaram e as que ainda tem que desenvolver. Os macroplanejamentos nos dão diversas possibilidades de ensinar o conteúdo, como por exemplo, atividades de artes, escritas, ditados, dinâmicas e jogos. Percebemos a diversidade de ideias e vamos focar em criar um planejamento voltado para a contação e criação de histórias. Supomos que o planejamento será aplicado em uma turma com 10 alunos de três a cinco anos de idade, com esse foco teremos possibilidades de dinâmicas e histórias variadas.

## 2.2. Aplicação do planejamento

Iniciaremos o *Circle Time* dessa semana falando sobre o clima e quais tipos de roupas podemos usar quando está quente ou frio. Continuaremos o *Circle Time* com o jogo teatral que chamamos de memória e mudança das roupas<sup>8</sup>. Iniciaremos o jogo separando os alunos em duplas e todos jogaram simultaneamente. Os alunos devem se posicionar de frente ao outro, na primeira palma eles devem observar as cores, roupas, o cabelo, sapatos e acessórios que o outro está usando. Na segunda palma as duplas viram de costas e cada um deve fazer uma mudança na sua aparência, como por exemplo, colocar ou retirar um acessório, mudar o lado de um acessório, mudar o penteado etc. Quando terminarem as mudanças, os parceiros voltam as posições iniciais, se olham e tentam descobrir o que mudou um no outro.

Esse jogo servirá como aquecimento e apresentação do vocabulário alvo, além disso, proporcionaremos interação em grupo, estimulação da memória e criatividade. Devemos nos atentar ao nível de dificuldade da atividade analisando o desenvolvimento de aprendizagem e a idade da turma, nesse caso os alunos teriam entre três e cinco anos de idade e, por esse motivo, o vocabulário utilizado tem que ser bem analisado para que as crianças aproveitem a atividade de forma efetiva e afetiva.

A proposta da próxima atividade está relacionada a capacidade das crianças de criar situações durante a brincadeira com memórias afetivas de casa. Montaremos uma lavanderia na sala focando nas alas de lavar, secar e passar, com isso podemos explorar o olfato com cheirinho

---

<sup>8</sup> Título nosso, jogo adaptado a partir de experiências com jogos teatrais no departamento de artes cênicas na Universidade de Brasília.

de sabão em pó ou amaciante. Utilizaremos também roupinhas de texturas e tamanhos diferentes para que as crianças explorem o tato e o visual. Após a preparação da sala faremos um momento de faz-de-conta, pois

A brincadeira do faz-de-conta possibilita que a criança expresse sua capacidade de dramatizar e aprender a representar, tomando como referência a imagem de uma pessoa, de uma personagem ou de um objeto como, por exemplo, um cabo de vassoura transforma-se em cavalinho ou a menina se torna uma princesa, professora, médica e entre outros. (BARBOZA; VOLPINI, 2015, p. 2)

Durante a brincadeira de faz-de-conta as crianças vão improvisar histórias e trabalhar a improvisação de forma leve e divertida, além disso também conseguiremos notar o uso do vocabulário alvo de forma orgânica durante a brincadeira. A seguir veremos duas imagens dos recursos que serão utilizados para a elaboração da brincadeira:



Ferro de passar roupa. Foto: Beatriz Nogueira Ferreira



Nossa lavanderia. Foto: Beatriz Nogueira Ferreira

São diversas as possibilidades de contação de histórias dentro do tema que escolhemos focar, uma das possibilidades é que os professores conheçam bem suas turmas para que as atividades, brincadeiras e dinâmicas sejam escolhidas de acordo com o perfil de cada grupo. É possível notar que uma mesma proposta pode ser aplicada em diversos grupos identificando qual o foco específico desse grupo e as habilidades que queremos desenvolver. Em determinada turma é possível que a contação de histórias seja utilizada para que os alunos compreendam conversas curtas e se envolvam assuntos que são familiares para eles. Se o foco da brincadeira é que as crianças produzam mais o vocabulário alvo da aula, então a criação de histórias possibilita que os alunos perguntem ou dialoguem inserindo algumas dessas palavras espontaneamente, precisando de auxílio para se expressar ou desenvolver melhor sua criatividade.

### 3. RESOLUÇÃO DE CONFLITOS POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Observamos que no cotidiano da sala de aula, os casos de conflito entre aluno/aluno, aluno/professor são muito comuns. O motivo deles são decorrentes de fatores diversos, como por exemplo, uma necessidade que não foi atendida, desrespeito, pressão, desacordo, falta de motivação etc. Nessas situações o afeto vem de forma intensa e na maior parte das vezes de uma forma negativa, pois há uma mistura de irritabilidade e frustração, gerando por vezes, o descontrole e a redução do nível de discernimento para a resolução desses determinados conflitos. Nota-se que encontrar estratégias para que os conflitos sejam resolvidos de forma positiva afetiva é exatamente o que vai fazer com que as aulas sejam mais leves e diminuam bloqueios no processo de aprendizagem dos alunos, aguçando nosso olhar para determinadas situações é possível tornar o ensino afetivo mais efetivo para as crianças, porque abrimos espaço para a compreensão de sentimentos.

Vale ressaltar que os conflitos demonstram diferença de pensamento, sentimentos e desejos, portanto, os conflitos não são como vilões da educação e sim possibilidades de exploração do desenvolvimento, amadurecimento de ideias e atitudes nas relações dos envolvidos no processo de aprendizagem. Por meio de rodas de conversa, planejamentos e entrevistas com professores compreendemos que a contação de histórias é essencial para a resolução de conflitos, pois influencia no clima da aula, trabalha com as emoções e abre possibilidades para que determinada situação seja resolvida de forma respeitosa e eficaz, segundo Michelle Vargas:

Durante a contação de histórias o aluno se coloca no lugar do personagem conseguindo entender e observar por outra perspectiva um comportamento que ela pode estar reproduzindo dentro de sala de aula. Podemos analisar isso com o “não dividir algo com o colega”, que é instintivo querer proteger o que é seu. Quando ele tem a oportunidade de perceber por meio de uma história que se desdobra e traz soluções plausíveis de como lidar com o problema, o conflito vem como instrumento de visualização que há momentos em que é legal dividir algo com os colegas, mas que ele também tem o direito de não querer dividir. (VARGAS, 2023)

Michelle finaliza a entrevista dizendo que “a contação de histórias trabalha com a imaginação das crianças, de forma que as mesmas consigam antecipar reflexões do seu cotidiano de forma leve e lúdica.” (VARGAS, 2023). Durante o preparo específico que acontece semanalmente percebemos e dialogamos sobre os alunos e situações de conflitos que estamos enfrentando no momento. Ao longo do tempo percebemos que os alunos quando repreendidos inadequadamente ou quando se sentem desvalorizados apresentam um comportamento oposto

do que buscamos. Há momentos em que apresentam mais irritabilidade, sensibilidade, agressividade e desconforto que dificulta as relações entre eles e os companheiros de turma.

Vemos também que apesar de ser uma estratégia interessante levar a contação de histórias em que o aluno possa se colocar no lugar do personagem, o professor deve ter o vínculo com a turma bem estabelecido, pois uma estratégia pode ser recebida de forma negativa. Então, se em determinada situação a história evidenciar o comportamento de um aluno fazendo com que o mesmo se sinta constrangido é preferível que comparações não sejam feitas. Em momentos como esse é interessante tentar abordar o comportamento de um aluno o comparando com um personagem determinado, esforçado e talentoso. Desse modo, conseguimos encontrar estratégias para o conflito estabelecendo uma troca afetiva, trabalhando autoestima e a valorização das habilidades do aluno.

O entendimento sobre a forma que devemos lidar nessas situações é constantemente analisado nas semanas pedagógicas, preparos e coordenações individuais, onde temos a oportunidade de buscar soluções de forma efetiva para cada situação. É nesse momento em que podemos ver a necessidade de abrir espaço para que os alunos explorem a sua criatividade contando histórias para a turma, porque eles podem indiretamente expressar seus sentimentos e como enxergam que podemos resolver determinada situação com a valorização dos seus desejos e opiniões.

Houve uma situação em que o aluno “A” não quis emprestar a tesoura verde com o aluno “B” que ficou chateado e começou a chorar, nesse dia tivemos que voltar para o *Circle Time* e conversar para compreender os sentimentos de cada um. Naquele dia não foi possível resolver a situação, porque o aluno “B” estava tão frustrado que não queria ouvir que a cor preferida do “A” era verde também. Levei essa situação para reflexão com a coordenação e tentamos buscar estratégias de como resolver o assunto. Analisei as características de cada aluno e tentei organizei elementos que cada um gosta para a próxima aula. Decoramos a sala toda com esquilos que é o animal preferido do aluno “B” e levamos elementos que o aluno “A” também gostava, como por exemplo, objetos da cor verde e atividades que ele gostava de fazer. Ao entrar na sala, os alunos ficaram encantos por ver o quanto nos esforçamos para que eles se sentissem bem naquele ambiente. Como proposta da segunda parte da aula, levamos recursos para que os alunos contassem uma história e os personagens eram esquilos. Eles tiveram que se organizar, preparar a história juntos e deixar a mágica acontecer. Naquele momento foi possível perceber que um conflito gerado na aula anterior precisou de paciência e delicadeza para ser resolvido, foi possível analisar que a presença de um mediador foi importante para que os

próprios alunos percebessem que tudo bem gostar de coisas parecidas, mas que precisamos aguardar o momento do outro de usar algo que também queremos.

Educar também diz respeito a aprender com o outro e isso tem sido marcante na minha trajetória, principalmente quando é possível perceber que os conflitos podem se resolver por si só com paciência, persistência, um olhar atento e confiança. Em determinadas situações não é importante a mudança do aluno e sim a nossa mudança em relação ao que está acontecendo. Vejo o grande papel que a contação de histórias tem nesse momento, assim como Daniel Munduruku nos conta sobre seu pai:

As histórias é que nos contam. Elas usam a gente para ganhar corpo. É por isso que contar histórias não é apenas a repetição de um texto. Quem faz isso apenas decora e, mesmo que saiba verbalizar ou encenar o que está contando, não consegue atrair as pessoas. Essas histórias têm vida própria. Se elas encontram um bom contador, fazem morada dentro dele e nunca mais vão embora”. (MUNDURUKU, 2016)

Em determinadas situações se torna complicado arquitetar ou criar estratégias para resolver os conflitos, esses momentos necessitam paciência e compreensão dos educadores. Os próprios alunos podem trazer essa compreensão dentro de si que necessita de espaço para verbalizar através das histórias os encontram e que carregam dentro de si. Compreendemos que lidar com as frustrações também é um processo importante para os educadores porque há situações em que não temos nem a possibilidade de aplicar o que planejamos ou as estratégias que traçamos. Outra possibilidade é a de encarar os conflitos em sala de aula com o propósito de fazer uma reflexão coletiva e diálogos sobre as situações. Dessa forma, o educador e os alunos encontram um ambiente aberto e seguro para buscar as melhores alternativas para resolver os conflitos de forma significativa em que estimula o respeito das individualidades e interesses de cada aluno.

### **3.1. Compreendendo a participação das crianças no processo de criação de histórias**

Pode-se notar que uma atitude presente durante as atividades e dinâmicas de criação de histórias, principalmente durante o *Circle Time* é a de alunos extremamente animados para participar das histórias abrindo novos caminhos e possibilidades. Por isso, faz-se necessário a elaboração de estratégias para determinadas situações imprevistas, como por exemplo, abrir espaço para a improvisação e acolhimento das ideias das crianças. Outro cenário é o de crianças que não se sentem prontas ou confortáveis para participar da criação de histórias. Para entender melhor tal situação, Ângela Barcellos Café diz:



Certa vez, em um curso de contadores de histórias, me perguntaram como eu preparava os pequenos para ouvir minhas histórias. Passando a observar minha prática intuitiva, porém refletida e muitas vezes transformada, percebi que meu comportamento dependia muito mais do ambiente em que eu me encontrava, do que de uma maneira única e específica. Na primeira oportunidade, me descobri entrando em contato com as crianças por meio de brincadeiras, músicas e parlendas, com o sentido de recuperar a espontaneidade delas, favorecer a manifestação lúdica e distanciá-las dos pedidos tradicionais, em que a participação se torna ameaça das cuidadoras. (CAFÉ, 2015, p. 50-51)

Devemos compreender que nem sempre as crianças seguiram a lógica que se passa em nossa cabeça ou participarão da proposta exatamente no tempo que preestabelecemos, porque ao abrir espaço para que as crianças expressem suas vontades e aperfeiçoem suas ideias estamos as incentivando a exercer sua autonomia. Há vezes em que o recurso mais próximo é solicitar atenção ou silêncio, tal atitude geralmente acompanha um discurso longo e chato as crianças que só estão tentando se divertir e compartilhar experiências. Sendo assim, o educador tem a possibilidade de criar estratégias para que a proposta de aula possa ser desenvolvida dentro do tempo que temos disponível, pensando nas peculiaridades de cada criança. Concordamos com a afirmação de Café que:

O contador de histórias nota na linguagem corporal dos ouvintes, sobretudo, por meio dos olhares, suas expressões de compreensão e acompanhamento na história, ou quando se mostram perdidos, tentando recuperar uma informação ou um detalhe. Cabe ao contador perceber e, sem perder o fio da história, assegurar a compreensão dos ouvintes. (CAFÉ, 2015, p. 51)

Desenvolver a habilidade de compreender os sinais dos alunos é algo que requer atenção e interesse em conhecer as crianças que estão ao seu redor. Manter as crianças atentas nem sempre é uma tarefa simples, há alunos que não conseguem manter-se sentados para ouvir as histórias. Certa vez, escolhemos juntos um livro para o *Circle Time* e as crianças estavam bastante aaminadas com o desenvolvimento da história, porém a aluna “A” estava caminhando pela sala de forma inquieta. Percebendo essa situação, decidi criar uma ambientação de suspense para a história e questioneei a mesma aluna do que ela achava que aconteceria na próxima página. Segundo ela, encontraríamos um cachorrinho na próxima página, me surpreendi pelo fato de que não tínhamos lido esse livro anteriormente e ela acertou o que aconteceria. Pedi para que ela me ajudasse a mudar a página e todos os outros colegas de turma entraram na proposta de suspense, logo em seguida todos começaram a rir porque realmente tinha um cachorrinho lá. A aluna “A” ficou tão animada que pulava de alegria durante todo o resto da história. Essa situação nos permite perceber que para os momentos de interação serem efetivos e divertidos os alunos não precisam necessariamente estar sentados e calados. Outra

possibilidade de garantir uma experiência agradável durante a contação de histórias é a de reconhecer que as crianças reagem ou acompanham de formas diversas e a partir disso respeitá-las com a intenção de as inserir, dentro do possível, nas histórias para que suas opiniões sejam levadas em consideração.

Desse modo, uma das possibilidades para criar um ambiente seguro para que a criança participe do processo de criação e se divirta com isso, é proporcionar um espaço em que ela possa brincar, se divertir e interagir com os colegas antes de ser instigada a contar uma história para turma. Essa é uma das situações em que podemos analisar que cada criança age de uma maneira diferente, ao invés de pressionar ou repreender uma atitude nós podemos usar como estratégia a criação de vínculo para que crianças mais quietas e tímidas se sintam recebidas e acolhidas.

## CONCLUSÃO

O ensino afetivo contribui de forma significativa no desenvolvimento da criatividade porque instiga e aprimora a curiosidade, a partir dele somos convidados a expandir o nosso olhar durante a contação de histórias compreendendo a individualidade que é essencial para a resolução de conflitos dentro de sala de aula. É durante esses momentos de troca que podemos construir novas dinâmicas para o desenvolvimento da improvisação com o intuito de fortalecer as relações que são necessárias para um processo de aprendizagem divertido e efetivo.

A contação de histórias no ensino afetivo também incentiva a leitura permitindo que os alunos aprimorem o vocabulário alvo de forma leve e colabora para que os alunos se expressem suas individualidades durante o desenrolar da história. Compreendemos que aprimorar a individualidade colabora para uma interação coletiva que respeita e aceita os interesses individuais de cada aluno.

A participação dos alunos para a criação de novas narrativas nos permite observar e reconhecer que a arte-educação demonstra grande importância no processo de aprendizagem. Proporciona também um ambiente acolhedor em que identificamos a grande potência de transformação de atitudes. É durante os momentos de interação entre as(os) alunas(os) e das professoras com as(os) alunas(os) que compreendemos que a diversidade é essencial em sala de aula para compreender e encontrar diversas possibilidades de tornar nosso ensino afetivo e significativo para os envolvidos no processo de aprendizagem, incluindo o educador.

Compreendemos a partir da elaboração desse projeto a importância da valorização da nossa cultura e respeito pelas tradições que nos permitem encontrar e desenvolver diversas possibilidades no processo de aprendizagem. Valorizamos a trajetória dos contadores de histórias e pesquisadores citados no projeto compreendendo que as vivências nos instigam a aprimorar a imaginação e criatividade.

## REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Letícia; VOLPINI, Maria Neli. **O faz de conta**: simbólico, representativo ou imaginário. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, UNIFAFIBE, Bebedouro/SP, v. 2, n. 1, abr. 2015, p. 1-12. Disponível em: <<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200208.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CAFÉ, Ângela Barcellos. **Os contadores de histórias na contemporaneidade**: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos. Tese (Doutorado em Arte). Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- DÂMARIS, Ester. **Entrevista com Ester Dâmaris, professora da Lemon Tree**: realizada por Beatriz Nogueira Ferreira. Brasília, 06 maio 2023.
- HARTMANN, Luciana. **Crianças contadoras de histórias**: narrativa e performance em aulas de teatro. *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da UnB*, Brasília, v. 13, n. 2, jul./dez. 2014, p. 230-248. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/14504>>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- MACHADO, Marina Marcondes. **Fazer surgir antiestruturas**: abordagem em espiral para pensar um currículo em arte. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v. 8 n. 1, 2012, p. 1-21. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/9048>>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (ed.). **Contaçon de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc, 2015.
- MOTTA, Daniela. **Entrevista com Daniela Motta, coordenadora pedagógica e professora da Lemon Tree**: realizada por Beatriz Nogueira Ferreira. Brasília, 17 maio 2023.
- NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder**: conformação da pedagogia moderna. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001.
- NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. **Infancialização, ubuntu e teko porã**: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. *Childhood and Philosophy*, vol. 14, n. 31, 2018, p. 625-644. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.36200>>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- OLIVEIRA, Erico José Souza de. A brincadeira do Cavalo Marinho de Pernambuco: reflexões sobre uma possível prática decolonial afro-brasileira e as artes cênicas. *In*: RIBEIRO, Jair J. P. (et al). **Negritudes**: protagonismos, culturas e decolonialidade. 1º Prêmio Balogun Abdias do Nascimento. RJ: Terra Escrita, 2022, p. 321-344.
- PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. **A influência da tecnologia na infância**: desenvolvimento ou ameaça? *Psicologia.pt: o portal dos psicólogos*. Teresina, v. 1, p. 1-13, jan. 2015. Disponível em: <[www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf](http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2023.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHMITT, Taisa. **Entrevista com Taisa Schmitt, coordenadora pedagógica e professora da Lemon Tree**: realizada por Beatriz Nogueira Ferreira. Brasília, 15 maio 2023.

SILVA, Eliana Rodrigues. **O aluno protagonista e as novas atuações do artista da dança**. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, MG, v. 14, n. 1, p. 74-80, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3270>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TADEU, Eugênio. **Um ponto de vista sobre o teatro para crianças**. Subtexto: revista de teatro do Galpão Cine Horto: teatro para a infância e juventude: criação e formação de público, Centro de Pesquisa e Memória do Teatro do Galpão Cine Horto, Belo Horizonte, ano VIII, n. 8, pp. 17-22, dez. 2011. Disponível em: <<http://galpaocinehorto.com.br/cpmt/edicoes/>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

TENDERINE, Helena. **Na pisada do galope**: Cavalo Marinho na fronteira traçada entre brincadeira e realidade. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/692>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

VARGAS, Michelle. **Entrevista com Michelle Vargas, diretora pedagógica da Lemon Tree**: realizada por Beatriz Nogueira Ferreira. Brasília, 12 abr. 2023.

VIEIRA, Carolina Pereira. **Brincadeira e teatro**: Percorrendo o caminho da transformação. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15669>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**: texto integral, traduzido do russo *Pensamento e linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZIMERMAN, David E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.